

RESENHA

Elizabeth Charles Gomes

BROWN, Dan. **The Da Vinci Code** [O código Da Vinci]. New York: Doubleday, 2003. 454 p.

Em 1975, a Biblioteca Nacional de Paris descobriu pergaminhos conhecidos como os Dossiês Secretos, que identificam diversos membros da *Priorie de Sion*, entre os quais Sir Isaac Newton, Boticelli, Victor Hugo, Walt Disney e Leonardo da Vinci (p. 1).

Neste surpreendente livro de ficção, Robert Langdon, professor de simbologia religiosa da Universidade de Harvard, está em Paris quando recebe um telefonema pedindo ajuda para desvendar um crime: o curador do Museu do Louvre foi assassinado e uma estranha mensagem em código foi deixada a seu lado. Sophie Neveau, talentosa criptóloga, se junta a Robert para procurar desvendar o mistério através de pistas escondidas na obra de Leonardo Da Vinci.

Jacques Saunière, o curador assassinado, teve quinze minutos, entre a hora em que foi baleado e sua morte, para deixar algumas pistas revelar à sua neta o segredo da cadeia de conhecimento secular guardado pela *Priorie de Sion*, organização secreta ligada aos Templários, existente desde 1099. Seu cadáver foi encontrado nu, na posição do “Homem Vitruviano”, de Da Vinci, no centro de um círculo traçado com sangue, com um pentáculo (uma estrela de cinco pontas) desenhado em volta do umbigo. Langdon explica que o pentáculo é símbolo do sagrado feminino (p. 36). À medida que vão desvendando as pistas, Robert e Sophie encontram mais ligações com a adoração da deusa e a crença de Da Vinci, e outros, de que Maria Madalena foi esposa de Jesus Cristo e de que ambos teriam deixado uma descendência real que residiria na França (pp. 244-250). Saunière deixou ainda uma mensagem em inglês, escrita com marcador de ponta de feltro de luz negra:

THE DA VINCI CODE [O CÓDIGO DA VINCI]

13-3-2-21-1-1-8-5

O Draconian devil!

Oh, lame saint!

[Ó diabo draconiano,

Oh, santo manco!]

A seqüência de números é de simples decifração para Sophie: é a seqüência Fibonacci. Mais tarde ela descobre que é também o anagrama de “Leonardo da Vinci! The Mona Lisa” (p. 88) e, por conseguinte, o número do cofre do banco suíço onde o segredo estaria depositado.

Há ao longo do livro, junto aos mistérios ligados à morte de Saunière, um fio constante de conexão – em termos de oposição e contraponto – com a *Opus Dei*, uma sociedade secreta católica ultraconservadora que escolheu como prioridade seguir a doutrina católica com o maior rigor possível em sua vida cotidiana – incluindo, para alguns, a auto flagelação e o uso do cilício. O alvo da *Opus Dei* é melhorar o mundo por meio da obra de Deus. Alguns membros dessa sociedade vêem o segredo da *Priorie de Sion* como uma ameaça real e permanente contra o catolicismo. Nenhum esforço, nenhum dinheiro, é poupado ante o temor de que as doutrinas básicas do catolicismo sejam abaladas pela revelação do segredo de Sangreal — o santo graal. E esse Graal não é o cálice de Cristo, mas o sangue real de uma mulher!

A *clef de voute* – a chave-mestra, sob o sinal da Rosa – era algo procurado por gnósticos, maçons e rosacruz, e pela *Priorie*. Ela se encontra nas mãos de Robert e Sophie, e eles quase perdem a vida por isso. A lenda da *Priorie* dizia que Maria Madalena era de origem real, da tribo de Benjamim, casada com Jesus, e que teria recebido dele instruções de como continuar a igreja após a sua morte. Madalena era o cálice, o vaso por meio do qual continuaria o fruto sagrado de Cristo (pp. 254-258).

Apesar do livro ser de ficção, todas as informações sobre história, arte e cultura foram amplamente pesquisadas pelo autor. O livro tem a velocidade de um raio e a força de uma tempestade. De leitura fascinante, ele levanta e desvenda uma série de enigmas da história. A narrativa é tão bem elaborada que não pude fazer outra coisa senão ler suas 454 páginas em um só dia. Ao mesmo tempo, traz à baila questões perturbadoras: existiria e seria atuante um grupo de pessoas que acreditaria na adoração pagã da deusa, mesclada com a exaltação de Madalena, para substituir o cristianismo histórico (pp. 261-262).

Para nós, cristãos, a leitura deste livro alerta quanto à necessidade de conhecermos melhor as filosofias que estão por trás do novo gnosticismo, seja este vestido de culto a Gaia, às forças da terra, à Senhora do Lago, à Rainha do Mar, a Iemanjá ou a Madalena como sendo a consorte de Cristo em lugar da Igreja Invisível, noiva do Cordeiro. O príncipe deste mundo é hábil na oferta de teorias baseadas em fragmentos da verdade cristã, distorcendo-a para enganar os próprios eleitos. É importante saber quais são algumas dessas

distorções e o que está por trás delas: no caso, o feminismo como conceito do sagrado feminino e os símbolos de fertilidade associados a ele, a idéia de que uma religião “mais antiga” teria maior valor que o legado “machista” dos apóstolos (p. 124, 248) que quiseram apagar a lembrança da importância da “mulher de Jesus”. Ao deparar com as diversas idéias expostas – e essas estão tendo um ressurgimento na filosofia do século XXI – lembrei-me do “mistério da Babilônia” a que se refere o apóstolo João em Apocalipse 17.5 e das cartas paulinas de Efésios e Colossenses. Quisera escrever com o fascínio e o conhecimento histórico, mitológico e simbólico de Dan Brown, mas tendo o conhecimento da verdade libertadora do Verbo Vivo, de modo que instigasse o leitor a voltar para o *grande mistério revelado por Deus em Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos* (Cl 2.2,3)!